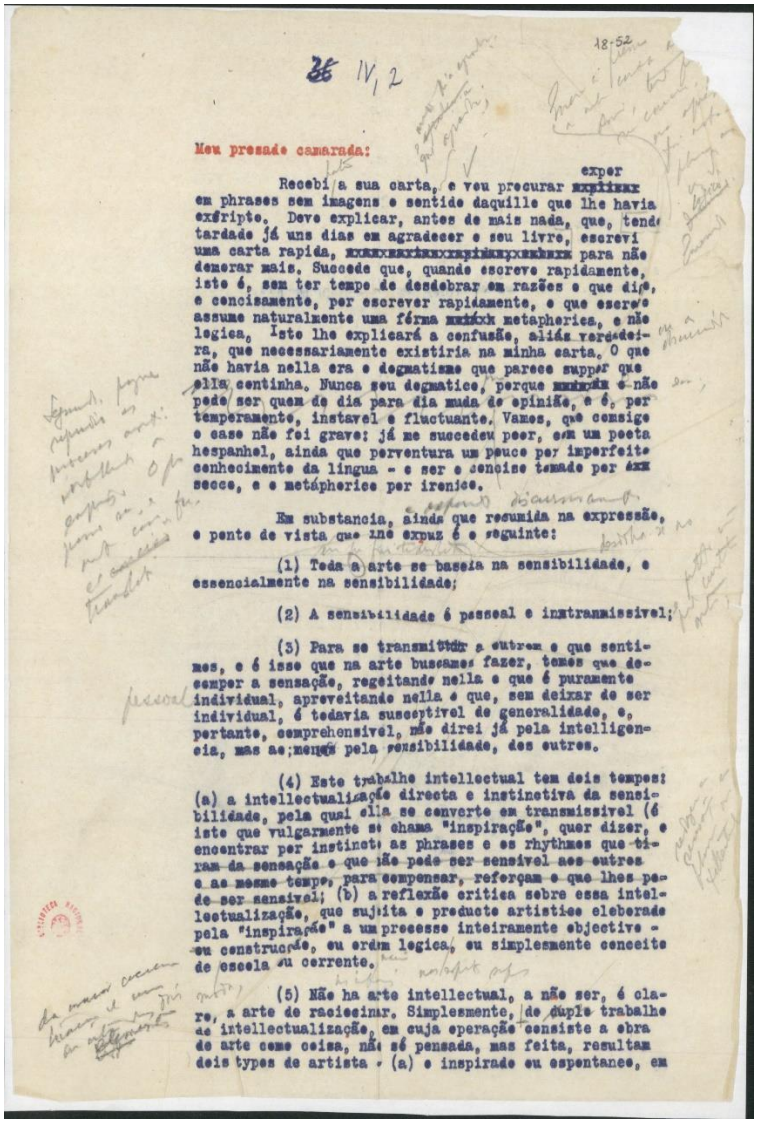
**BNP/E3, 18 – 52r**



Meu prezado camarada:

Recebi a sua carta, e vou procurar exper em phrases sem imagens o sentido daquillo que lhe havia exfripto. Devo explicar, antes de mais nada, que, tendo tardado já uns dias em agradecer o seu livro, escrevi uma carta rapida, para não demorar mais. Succede que, quando escrevo rapidamente, isto é, sem ter tempo de desdobrar em razões o que digo, e concisamente, por escrever rapidamente, o que escrevo assume naturalmente uma fórma metaphorica, e não logica. Isto lhe explicará a confusão, aliás verdadeira, que necessariamente existiria na minha carta. O que não havia nella era o dogmatismo que parece suppor que ella continha. Nunca sou dogmatico, porque não pode ser quem de dia para dia muda de opinião, e é, por temperamento, instavel e fluctuante. Vamos, que comsigo o caso não foi grave: já me succedeu peor, com um poeta hespanhol, ainda que porventura um pouco por imperfeito conhecimento da lingua – o ser o conciso tomado por exa secco, e o metáphrico por ironico.

Em substancia, ainda que resumida na expressão, o ponto de vista que lhe expuz é o seguinte:

(1) Toda a arte se baseia na sensibilidade, e essencialmente na sensibilidade;

(2) A sensibilidade é pessoal e intransmissivel;

(3) Para se transmittir a outrem o que sentimos, e é isso que na arte buscamos fazer, temos que decompor a sensação, regeitando nella o que é puramente individual, aproveitando nella o que, sem deixar de ser individual, é todavia susceptivel de generalidade, e, portante, comprehensivel, não direi já pela intelligencia, mas ao menos pela sensibilidade dos outros.

(4) Este trabalho intellectual tem dois tempos: (a) a intellectualização directa e instinctiva da sensibilidade, pela qual ella se converte em transmissivel (é isto que vulgarmente se chama "inspiração", quer dizer, o encontrar por instincto as phrases e os rhythmos que tiram da sensação e que não pode ser sensivel aos outros e ao mesmo tempo, para compensar, reforçam o que lhes pode ser sensivel; (b) a reflexão critica sobre essa intellectualização, que sujeita o producto artistico elaborado pela "inspiração" a um processo inteiramente objectivo – ou construcção, ou ordem logica, ou simplesmente conceito de escola ou corrente.

(5) Não ha arte intellectual, a não ser, é claro, a arte de raciocinar. Simplesmente, de duplo trabalho de intellectualização, em cuja operação consiste a obra de arte como coisa, não só pensada, mas feita, resultam dois typos de artista – (a) o inspirado ou espontaneo, em

**Transcrição**

Escrevi á pressa a minha carta a […]
Assim, tendo f[…]
sou consiso, […]
era apres […]
fui metaphorico em vez de logico […]
Escrevendo {…}

Meu prezado camarada:

Recebi hontem a sua carta, muito lh'a agradeço, /e ~~agradeço-a~~.\ /que agradeço,\ e vou procurar ~~explicar~~ expor em phrases sem imagens o sentido daquillo que lhe havia escripto. Devo explicar, antes de mais nada, que, |tendo tardado já uns dias em agradecer o seu livro,| escrevi uma carta rapida, ~~e as cartas rapidas embora~~ para não demorar mais. Succede que, quando escrevo rapidamente, isto é, sem ter tempo de desdobrar em razões o que digo, e concisamente, por escrever rapidamente, o que escrevo assume naturalmente uma fórma ~~está h~~ metaphorica, e não logica. Isto lhe explicará a confusão, ~~aliás verdadeira~~ ou a obscuridade, que necessariamente existiria na minha carta. O que não havia nella era o dogmatismo que parece suppor que ~~ella~~ continha. Nunca sou dogmatico, porque ~~nada de~~ o não ~~pode ser quem de dia para dia muda de opinião, e é, por temperamento, instavel e fluctuante~~. Vamos, que comsigo o caso não foi grave: já me succedeu peor, com um poeta hespanhol, ainda que porventura um pouco por imperfeito conhecimento da lingua – o ser o conciso tomado por ~~exa~~ secco, e o metáphrico por ironico.

Segundo, porque repudio os processos antes estabelecendo a expressão. O que posso ser, e neste caso fui, é ~~conciso~~ translato.

Em substância, ainda que resumida na expressão /e exppondo discursivamente\, o ponto de vista em que fui translato que lhe expuz é o seguinte /desdobra-se em\:

1) Toda |a| arte se baseia na sensibilidade, e essencialmente na sensibilidade;

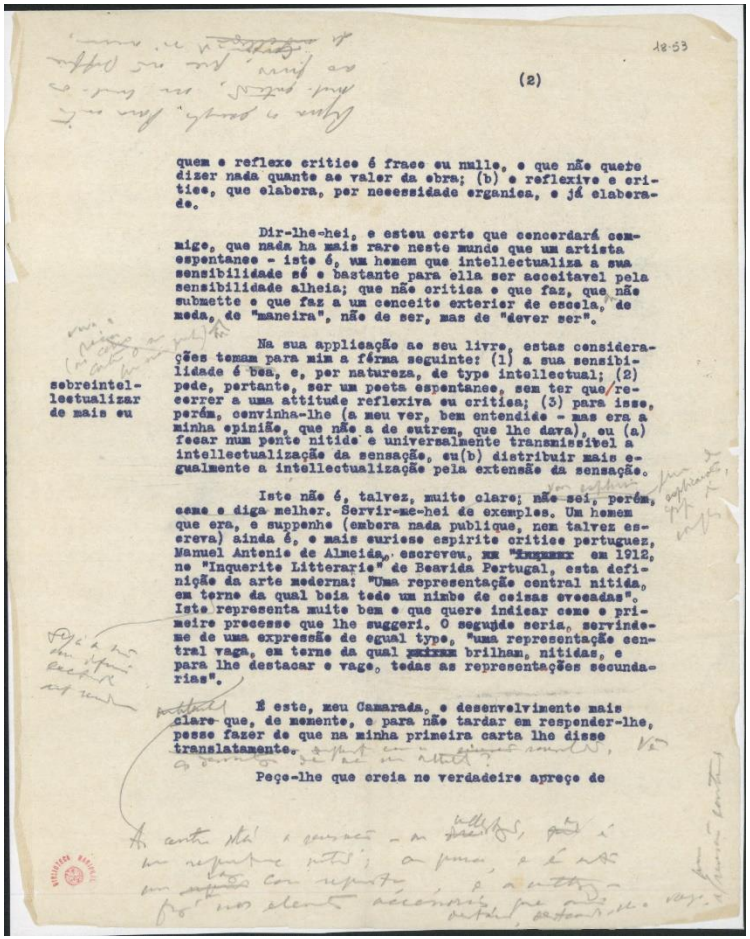
2) A sensibilidade é pessoal e intransmissivel e portanto não pode constituir arte;

3) Para se transmittir a outrem o que sentimos, e é isso que na arte buscamos fazer, temos que decompor a sensação, regeitando nella o que é puramente ~~individual~~ pessoal, aproveitando nella o que, sem deixar de ser individual, é todavia susceptivel de generalidade, e, portanto, comprehensivel, não direi já pela intelligencia, mas ao menos pela sensibilidade dos outros.

4) Este trabalho intellectual tem dois tempos: a) a intellectualização directa e instinctiva da sensibilidade, pela qual ella se converte em transmissivel (é isto que vulgarmente se chama "inspiração", quer dizer, o encontrar por instincto as phrases e os rhythmos que ~~tiram da sensação e que não pode ser sensivel aos outros ao mesmo tempo, para compensar, reforçar o que lhes pode ser sensivel;~~ reduzam a sensação a phrase intellectual; b) a reflexão critica sobre essa intelectuallização, que sujeita o producto artistico elaborado pela "inspiração" a um processo inteiramente objectivo – ~~ou~~ construcção, ou ordem /maxima\ logica nos espiritos superiores, ou simplesmente conceito de moda, escola ou corrente nos inferiores.

5) Não ha arte intellectual, a não ser, é claro, a arte de raciocinar. Simplesmente, da maior accentução de um dos outros dois elementos do ~~duplo~~ trabalho de intelectualização, em cuja operação consiste a obra de arte como coisa, não só pensada, mas feita, resultam dois typos de artista a) o inspirado ou espontaneo, em

**BNP/E3, 18 – 53r**



18-53

(2)

quem o reflexo critico é fraco ou nullo, e que não quere dizer nada quanto ao valor da obra; (b) o reflexivo e critico, que elabora, por necessidade organica, e já elaborado.

Dir-lhe-hei, e estou certo que concordará commigo, que nada ha mais raro neste mundo que um artista espontaneo – isto é, um homem que intellectualiza a sua sensibilidade só o bastante para ella ser acceitavel pela sensibilidade alheia; que não critica o que faz, que não submette o que faz a um conceito exterior de escola, de moda, de "maneira", não de ser, mas de "dever ser".

Na sua applicação ao seu livro, estas considerações tomam para mim a fórma seguinte: (1) a sua sensibilidade é boa, e, por natureza, de type intellectual; (2) pode, portanto, ser um poeta espontaneo, sem ter que sobreintellectualizar demais ou recorrer a uma attitude reflexiva ou critica; (3) para isso, porém, convinha-lhe (a meu ver, bem entendido – mas era a minha opinião, que não a de outrem, que lhe dava), ou (a) focar num ponto nitido e universalmente transmissivel a intellectualização da sensação, ou (b) distribuir mais egualmente a intellectualização pela extensão da sensação.

sobreintellectualizar de mais eu

Isto não é, talvez, muito claro; ~~não sei, porém, como o diga~~ vou explicar melhor. Servir-me-ei de exemplos /porem de explicações, isto é exemplos\. Um homem que era, e suponho (embora nada publique, nem talvez escreva) ainda é, o mais curioso espirito critico portuguez, Manuel Antonio de Almeida, escreveu, ~~no "Inqueri~~ em 1912, no "Inquerito Litterario" de Boavida Portugal, esta definição da arte moderna: "Uma representação central nitida, em torno da qual boia todo um nimbo de coisas evocadas." Isto seja ou não uma definição exactamente muito verdadeira representa muito bem o que quero indicar como o primeiro processo que lhe suggeri. O segundo seria, servindo-me de uma expressão de egual typo, "uma representação central vaga, em torno da qual ~~pairam~~ brilham, nitidas, e para lhe destacar o vago, todas as representações secundarias". Ao centro está a sensação – a ~~obra~~ beleza, ~~sendo~~ e é uma representação nitida; ou pura, e é esta mais vaga como representação, e a nitidez – faz nos elementos accessorios que mais destacam, destacando-lhe o vago a pura sensação central.

Agora os exemplos. Para muitos mal-entendidos, isso leval-os |*ao povo|, que não soffre de ~~intellectualização~~ consciencia de si mesmo, {…}

É este, meu Camarada, o desenvolvimento mais ~~claro~~ intellectual que, de momento, e para não tardar em responder-lhe, posso fazer do que na minha primeira carta lhe disse ~~translatamente.~~ defronte com a ~~sensação~~ sensibilidade. Vê as desvantagens de se ser intellectual?

Peço-lhe que creia no verdadeiro apreço de {…}

## DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de https://modernismo.pt/
está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.